



Avanço

Visto pela Censura do Porto

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano V—N.º 111
Preço 1\$00

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Galato
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor: — Padre Américo
29 de Maio de 1948

Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
Vales do Correio para CETE

A NOSSA TIPOGRAFIA

MAIS dez minutos na Emissora, a dar glória a Deus nas alturas e desejar paz na terra, aos homens de boa vontade. Esta é a mensagem do renascimento. Arauto do Evangelho. A ordem na confusão. A tranquilidade das almas, nasce justamente nesta fonte; outra paz que seja, pode ter o nome dela, sim, mas não é paz.

E agora, quero comunicar aos meus ouvintes que estive mais uma vez em Lisboa, ao serviço da Casa do Gaiato. O número de rapazes vai subindo, à medida que as instalações caminham. Demorei-me algumas horas no meio deles, para mim desconhecidos, mas isso que importa, se cada um espumava alegria! Criações contentes. Criações a rir. Nada mais dissonante no mundo, do que o rapaz triste; o rapaz que chora. E se a culpa é nossa, além de soar mal, é uma injustiça.

Apareceu ontem aqui um rapaz da ruas. Estávamos todos à mesa. Eram horas de jantar. Entrou e sentou-se ao pé de mim. Queria falar e não podia, de tantas lágrimas. Muito triste. Cara de passar mal. Desalinhado. À minha pergunta de porque choras, ele chorava ainda mais. Compreende-se. É a emoção. Talvez nunca ninguém lhe tivesse pergundo porque é que ele chorava,—talvez, Trazia dois retratos. Eram os seus pais. *Que é deles, perguntei? Morreram-me.* Novo dilúvio! Dos pais, passei naturalmente aos irmãos. Tinha dois. Dois irmãos empregados. Disse quais as suas ocupações e terras aonde se exerciam e concluiu a chorar—*eles não me podem ter porque também são pobres.* Assim se lavrou o auto de admissão. Assim se preenchem fichas sociais. Assim se trocam lágrimas por sorrisos. De triste que vem do mundo, depressa se alegra no pequenino mundo das nossas aldeias. Se nós assim amamos, quem há aí que não ame, quem?

Pedi na Igreja da Encarnação. Gosto de pedir, pelo amargo que daí me vem. Na filosofia divina, casam-se os contraditórios! Havia muita gente nas trez missas, mas era grande a vontade de todos, de sorte que podemos dizer com verdade, que a Igreja da Encarnação nada ficou a dever às outras aonde tenho pedido,—nada. Lisboa tem marcado presença.

Também tive ali uma notícia agradável, que o será igualmente para todos quantos me escutam: É o automóvel. Já temos um automóvel. Não posso dizer neste momento qual a força, nem a marca, nem o seu estado de conservação, nem isso é de primeira necessidade. Basta que se saiba ter aparecido um cavalheiro no Tojal, Gerente de uma Firma importante de carros e acessórios, e deixado o aviso de irmos quanto antes a Lisboa por um carro, mais a oferta de uma carta a qualquer de um dos nossos rapazes. São dádivas elegantes e vitais. Nós estávamos na verdade desfalcados deste grande benefício e aparece o Homem que nos coloca em dia. Felizes aqueles a quem Deus toca, para saírem ao encontro de obras desta natureza, quando as necessidades apertam,—felizes! Milhares de senhores tem carros em Lisboa. Alguns, mais do que aqueles que precisam. Pois só este foi o escolhido: — *mande buscar quanto antes*, disse. Feliz! Uma vez servidos de automóvel na casa do Tojal, temos de começar a campanha da tipografia em Paço de Sousa, aonde existe um edifício construído de raiz, para esta e outras indústrias.

Trata-se de um caso mais sério. Mais sério pelo que custa. Mais sério pela urgência. Temos necessidade de instalar na aldeia uma escola-oficina desta natureza, para assim garantirmos profissão aos que nos procuram. Dar profissão, sim, formando ao mesmo tempo a consciência do trabalhador de amanhã. De que valem a técnica, a ciência, o ofício sem as tábuas da lei? E que é que o mundo tem para as substituir? São elas que fazem; são elas, as Tábuas da Lei, que completam o artista. É preciso instaurar nos trabalhadores a proibição, a honra, a palavra,—o Santo Temor de Deus. Ora estes valores morais, só veem pelas Tábuas do Sinai. Queremos uma oficina-escola. Dezenas de rapazes a trabalhar, com a capela ali ao pé e logo a seguir a mesa posta,—os pontos cardiais de todo o mortal.

Todos nós estamos fartos de conhecer e aplaudir estes princípios, sim, mas esquecemos facilmente que, para os pôr por prática, é necessário fazer sangue; por isso mesmo, se eu aqui falar hoje em 400 contos, muitos dos meus ouvintes não-de fugir, por lhes parecer dura esta palavra. E contudo, nós temos necessidade daquele mínimo. Nós havemos de conseguir aquela importância. Nós estamos trabalhando, como se já a tivéssemos em nosso poder.

Tipógrafos! Não digo que tenha sido do coração. Não acredito, mas da boca deles, eu e outros, temos escutado coisas que se não dizem a ninguém. Há sítilos que já mais esquecem. Há horas que já mais esquecem. Eu tenho registado esses lugares e essas horas na minha via dolorosa. Eis a força que me impele a instalar a tipografia na nossa aldeia. Que amanhã os nossos tipógrafos, uma vez encartados e a trabalhar por esse mundo, saibam dizer o que outros não souberam. Saibam respeitar. Mas há outras razões. A tiragem do nosso jornal, pede uma tipografia. *O Gaiato* anda já na classe de 18.000 exemplares, sem esperança nenhuma de ficar por ali. Os assinantes, não nos deixam em paz. Aonde mais se reclama, é nas nossas províncias do ultramar. São chusmas. Chusmas deles. Ontem mesmo, chegou uma lista com cem nomes para Luanda e no dia seguinte, outra mais pequenina. Não admira. O sol ali queima. Larguezas, horizontes, vida nova, infinito. As ideias são assim. Disse alguém que a leitura de *O Gaiato* cança. Não cança nada. Não cança ninguém. Enche. Enche as almas daquilo que elas são capazes de receber. Os outros jornais aborrecem.

Mais razões:—Dizem que dos farrapos se faz papel branco como espuma. Admirável o engenho dos homens! Quem há-de dizer que aquela camionete que ontem passou cheia de papel dos entulhos, regressa amanhã com obra imaculada, quem?! Pois nós pretendemos fazer mais e melhor. Homens. Fazer homens. Não lhes tiramos nada. Não lhe pômos nada. Aproveitamos tudo. Eis. Ora é pelo trabalho que estes trabalhos se operam. Trabalho intenso, variado, remunerador.

O mundo nunca me havia de perdoar, se ao depois de tanto se dizer e de tanto se esperar das casas do Gaiato, saíssem os rapazes delas sem artes e profissões. Da mesma sorte tão pouco nós perdoamos ao mundo, se ele, sabendo o que nós necessitamos, não quizer cumprir o seu dever. Damos o tempo por terminado. O nosso ponto final é feito de um acto de fé. Fez que



A voz mais popular e mais querida; chama quatro vezes ao dia—para o refeitório. Está a chamar

EDUCAÇÃO

À minha chegada de Lisboa, o refeiteiro dos senhores fez-me entrega de um cartão. Um visitante. Um visitante que se apresentou no sábado e foi se embora no domingo. Vinha para ficar, com mala e tudo. O nome era meu conhecido. Muito estimei a sua visita.

Não estava eu. Não estava P.º Fatela. Não estava professor Madureira. Estavam professor Arlindo mai-lo senhor Joaquim e disse. O resto era tudo malta. O assunto, à hora do meu regresso, foi justamente a presença do estranho. Todos me queriam reproduzir a seu modo, as impressões d'ele, sobre o que tinha visto e ouvido no decurso da visita curiosa. Foi então que eu disse quem era o visitante.

—Quê? Um Lente?!
—Sim senhor. Lente da Universidade de Coimbra.
—Oh diabo! E eu tratei-o por você. Você cá, você lá! E agora?
O professor Arlindo, quis mandar-lhe uma carta desfeita em desculpas, mas eu disse que não. Se é Lente, compreende tudo. De resto, que importa este ou aquele tratamento? O homem vale pelo que é.

Este senhor apresentou-se de mala aviada, um sábado de tarde, resolvido a ficar, como de

(Continua na 3.ª página)

transporta os montes, que acredita no impossível; e se não dá a vida às coisas, faz, sim, com que elas apareçam. Talvez me esteja a escutar a Pessoa que vai amanhã colocar no Banco o preço da tipografia. Quem sabe?! A semente caíu agora.

Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

Nota da quinzena

Eu tinha ido visitar algures uma pessoa doente. Era manhãzinha, horas de dizer missa. Abeitei-me da cama em conversa. A linguagem dos doentes tem o sabôr da eternidade. Supor-se-ia que a aplicação da missa a celebrar, havia de ser pelas melhoras. Sim. Qualquer um esperava ouvir esta supplica da boca do próprio doente. Estava ali um sacerdote. Ia subir ao altar. Mas não. Não foi assim. A pessoa doente abre os olhos, levanta a voz e ordena: *Pelo Papa. Vamos celebrar pelo Papa.* Eu estremei!

Tinha visto outrora esta pessoa no meu giro aos pobres. Em muitos tugurios aonde eu então entrava, tinha entrado hoje o doente, e algumas vezes nos encontramos à beira do mesmo catre, sem nada dizer um ao outro. Eramos desconhecidos. Não gosto de desvendar.

Eis aqui os antecedentes: — O cuidado e o amor pelos que sofrem. Depois, — a doença. Longos anos de doença. Um doente que vive a sua doença, ocupado com as realidades eternas; absolutamente afastado e totalmente desligado do efemero. Relações sociais, engano das grandezas, concupiscência da vida, mundo que Satan inculcou a Cristo Jesus, — nada disso penetra no deserto de deliciosas amarguras em que o doente hoje se encontra, — nada. De onde se conclue ser necessariamente uma alma inteligente, feita de luz e de verdade. Conhecedora, apta a discernir, a entender as coisas divinas. Ninguém o duvide. A fé tem a sua lógica. Pois bem. Este doente, chama pelo Papa. Quer o Papa. *Celebremos pelo Papa.* Segundo o nosso modo de ver, este Doente perdeu tudo, tudo. Quem o viu! Quem o vê! Bem pode conjugar hoje no passado os verbos de vida: *Eu era. Eu tinha.* Assim nos parece e contudo, triunfante, victorioso, arrebatado, (*não peça as minhas melhoras!*) o nosso doente quer o Papa. Chama por Ele! E' uma luz a emergir da Luz. E' um grito de verdade a emergir da Verdade. Foi por tudo isto que eu estremei. A verdade mete medo!

Até aqui o facto: Agora umas pequeninas conclusões, das quais peço me desculpem os leitores, porquanto eu vou falar dos grandes. *Dos Grandes:* — Os políticos. Os doutrinários. Os dissidentes. Os que não acreditam. Os que não se lhes dá. E os que acreditam! Toda a classe

UMA CARTA

Tenho aqui uma carta cheia de equilíbrio, de beleza, e de inteligência das coisas celestes. Começa assim: *Julgo que vim ao mundo unicamente para sofrer. Até aonde chegam as minhas recordações, não encontro no meu passo outra coisa.*

A carta desdobra-se por aí em conceitos verdadeiramente cristãos, quanto ao significado dos nossos tormentos. Vê-se nitidamente que não se trata de alguém vivendo entregue à dôr, antes, faz das amarguras a sua vida misteriosa e fecunda. Gosto. Estas cartas fazem bem à gente. Tudo quanto não fôr amassado em lágrimas, não dura nem presta. Não digo lágrimas choramingadas. Falo da vida interior, silenciosa, fecunda. A vida escondida no seio do Pai Celeste!

Aqui há tempos, alguém ofereceu um donativo importante para a nossa obra. Trata-se de uma família outrora faustosa e hoje empobrecida. Eu reparei na quantia e disse que talvez não fôsse prudente. *Tome, padre. Guarde. Nós precisamos de dar!* Nunca assim tinha falado nos tempos da abundância. Então, era uma vida grandiosa e inútil. Foi preciso que a roda desandasse, e pela desgraça aparente, veio a felicidade. *Nós precisamos de dar.* Vida fecunda.

A carta prossegue. Aqui e além, vê-se nela a dêdo do Mestre. Do Pastor que alimenta e dá a vida pelas suas ovelhas. Só Ele sabe o caminho! *Estou a tomar fel às gôtas, e talvez recebendo grandes graças neste sofrimento, vem a dizer na carta. Aquêlle talvez tem que sair. Quem está de fóra, vê melhor. Está a receber sim senhor. Abundantemente; tanto que trasborda. Esta carta são sobejos.*

Não conheço a pessoa que me escreve. Eu não conheço ninguém. Mas pelo retrato que vem na carta, há-de ser uma figura varonil. Ai do mundo, se não houvesse nele muitas figuras assim!

E depois d'estas palavras seguras e harmoniosas, fica sempre de pé o homem que duvida da misericórdia de Deus, por causa do sofrimento do homem. O homem que discute. O homem que se levanta. Poeira revoltada!

de passageiros da barca. Da barca *d'aquelle tempo.* Pergunta-se aqui; porque é que se não chama pelo Papa? Porque é que se não grita pelo Papa? Que maior tempestade? De onde a bonança? Cartões de visita, actos de cerimonia, emissários da América, os Nicodemos, — isso não é chamar por Ele. E' acreditá-Lo, mas não é acreditar. Ora Ele não necessita de nós; nós é que sim. Nós precisamos do Papa.

Que Ele venha presidir aos Congressos dos homens grandes, tomar conta do leme, salvar o mundo. Ele. Ele é o Papa. E' sabido que em cada época aparece na Igreja o Homem que convém. Ele tem o dom do entendimento. Ele entende-se e entende. Ora é isto precisamente o que falta aos que vão na barca. Não entendem, nem se entendem. Deus confunde os soberbos. Está tudo dito nesta verdade. Verdade eterna.

Enquanto não chamarmos todos pelo Papa, havemos de andar à bolota nas herdades alheias, e tocar varas de porcos pelos caminhos além, muito embora se nos afigure irmos em carros triunfantes. Esta tem sido, até, a nossa maior desgraça: Não sentir a gente a falta que o Pai nos faz! Oh desgraça das desgraças!

Eis a lição que hoje se nos oferece, dada ao mundo por um Desconhecido e posta neste jornal para erudição de todos. Sobretudo dos Chefes, dos Grandes, dos Responsáveis. E porque todos estes, trabalhando muito, não vencem nem atinam, que chamem pelo Papa. Chamá-lo, quer dizer aceitar, cumprir, *viver* integralmente a doutrina do Mestre que afinal não é d'Ele, Mestre, mas sim do Pai Celeste.

Foi Pedro, o Pescador, que trouxe esta revolução para este hoje tão falado bloco ocidental. Eu cá tenho para mim que, implantada novamente aquella mesma Revolução, acabam-se as revoluções.

Notícias de Coimbra

por Carlos Inácio

Afinal a imunda não é nossa. Eu vi-a cá e como se costuma dizer que o que está em Portugal é dos portugueses eu também fiz o mesmo. Mal veio o jornal os do Lar dos Pupilos começaram a fazer barulho querendo-me até bater. Por isso, os senhores leitores estão a ver que nossos só temos um. Falta pelo menos outro.

— Temos outra cabritinha que veio do Lar dos Pupilos. Eles também já disseram que ela é deles mas não têm sorte porque nós é que a temos alimentado com leite. O que vale é que nós não queremos saber do que eles dizem. Se eles a cá vêm buscar nós agarramos em paus e damos-lhes pancada. Que venham cá. «O pior é se eles nos dão a nós em vez de nós darmos neles».

— Quando no dia 1 de Abril cá cheguei, encontrei cá um cão que é bonito e meigo mas de esperto não tem nada.

Antes tinha pedido ao Pai Américo que nos desse um mas ele não o deu. Depois falei com o Sr. Padre Fatela e ele arranhou-nos logo um destes da serra. Agora já não queremos o outro, queremos antes o da serra.

Agradecemos ao Sr. Padre Fatela que nos arranhou um cão num instante.

— Acabaram as nossas obras. Agora já comemos outra vez no refeitório porque já está pronto. Ficamos dispensados porque só para as obras foi um rôr de dinheiro.

— Já pedi uma bola mas ainda cá não chegou. Nós também somos filhos de Deus senhores leitores. Aos domingos quasi que choramos. Senhores leitores por favor não nos deixem chorar.

— Há aqui no quintal do vizinho um nespreira com nesperas maduras. Já tem havido tentações mas ainda se não tocou nelas. O vizinho diz que as colhe para a semana e que nos deixa ir ajudar a colher. Mas se fôr só para colher não cai nada bem porque diz o ditado que trabalhar para aquecer mais vale estar quieto. Por isso nós vamos com a intenção de ajudar a colher e também de ajudar a comer.

— Houve hoje no Liceu masculino uma merenda oferecida aos alunos a dessa merenda ainda cresceram alguns pães com queijo e com marmelada que nos foi oferecido. No mesmo dia que veio começamos a comer logo à merenda. E assim se vai comendo até que acabe.

Agradecemos muito aos senhores do Liceu.



E' o pequenino que leva o grande... e não parece!

Repercussões

Os senhores lembram-se de terem lido uma das ultimas notas da quinzena, aonde vinha a história da menina do asilo, colocada numa casa de familia por creada, e recusar-se a trabalhar, — lembram-se? Pois tem sido o bom e o bonito! Temos aqui recebido cartas explosivas todos os dias!! A directora dum colégio do Sul, pede uma audiência e deseja vir por aí fora, até Paço de Sousa. Ela quer um congresso. Ela afirma que está tudo errado em matéria de formação da rapariga. A carta d'ela fumegava! Melhor do que cartas, sabemos que tem ido donas de casa ao Tojal desabafar, com *O Gaiato* na mão e o dêdo na ferida. Elas são boas testemunhas. Elas é que estão guardadas para colher o fruto das primorosas educações ministradas nos asilos. Aqui está uma dona de casa a falar. Eu transcrevo exactamente:

«Tomamos uma rapariga de 18 anos para creada. Rapariga de um asilo de cá. Ao fim do primeiro dia, já se lhe conhecia a contrariedade que ia no seu interior. Ao terceiro, porque foi 3 dias depois que a mandamos lavar loiça e arrumar a cosinha, mostrou maus modos e as lágrimas caíam-lhe. Perguntou-se-lhe o que tinha. Num repente revoltada e virando as costas com modos indignados disse: Para que nos educam lá como eu tenho sido educada? Se nós temos de trabalhar nos serviços de creada, para que nos põem a fazer renda? Não quero servir. Quero ir-me embora. E não se pôde segurar senão 5 dias. Que tristeza!»

Que tristeza, exclama esta dona de casa! Que tristeza, dizemos todos nós! Aonde está o verdadeiro motivo da nossa tristeza? No desalento d'aquella moça de 18 anos, confessado e experimentado por ela mesmo. E' aqui que bate o ponto.

Era d'uma vez um môço que foi condenado morte. Requer a presença da sua mãe. Antes de subir o degrau, dirige-se a ela e em lugar dum beijo, ferra-lhe uma dentada, ao mesmo tempo que exclama: — *Por sua culpa fui condenado!*

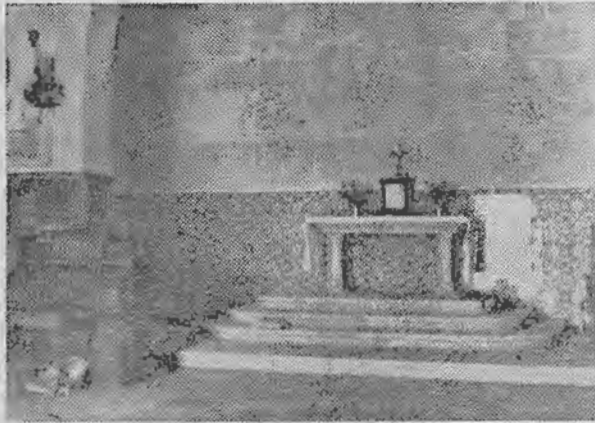
Para que nos educam lá como somos educadas?!...

Ora estes males são desnecessários. Podemos seguramente melhorar a sorte destas raparigas porquanto as pessoas encarregadas da sua formação são bem intencionadas. São pessoas sãs. Então quê? Um entendimento geral. Reunir todas as direcções d'estas casas. Falar. Dizer. O que fôr ruim, bota-se fora. O que ficar, melhora-se. O que sobretudo importa, é tornar feliz enquanto estiver connosco, a creança que hoje nos procura; e prestar-lhe os meios de se sentir feliz, quando amanhã, tiver de deixar a casa. Assim é que está certo.

A Festa no Coliseu

Espera-se que seja...

Vamos ali fazer um pequenino *Junho florido*, com os nossos artistas de classe. De Miranda, vem uma trempe solene: pigo, castanhetas e um cantador. De Lisboa não vem nada por causa das passagens; e é pena, porque também ali temos artistas. Espera-se que ninguém fique em casa e todos acudam à festa. Vamos a vêr.



A grandeza da simplicidade

EDUCAÇÃO

(Conclusão da 1.ª página)

facto fez. Não falei com êle. Não sei ao que vinha, mas por aqui se nota não ter sido da sua parte uma simples visita de curiosidade. Por algo mais cá veio.

Muito estimo visitas assim na minha ausência, e por visitantes d'aquela natureza, porquanto ficam conhecendo melhor. A minha presença, talvez tivesse sido estôrvo.

De tudo quanto me disseram das apreciações do hospede, uma coisa me ficou, a saber: *Nós afinal de contas não sabemos educar.* Um pai de filhos! Um Lente da Biosa! Seria por não ter visto aqui ninguém com ares de educador, que êle assim falou? Ou por ter observado a sublime desordem da aldeia? Ou por ter notado a vida a esguichar? Não sei. Ando morto por falar com êste senhor e pedir que me diga aonde quis chegar com aquela afirmação. Quando isso acontecer, torno aqui, pois que também desejo que os mais o saibam.

Eu nunca fui a casa de ninguém. Não sei como é nas famílias numerosas. Porém, como está no costume virem à nossa aldeia, aos domingos, famílias numerosas, eu tenho observado que os filhos d'aquelas, não vão pelo caminho dos nossos. E' assim: Chega o carro. Saem os pais. Saem os filhos. Saem as creadas. Os pequenos lançam a vista em redor. Estão ali jogos, campos, avenidas, passarinhos, animais, — o seu mundo. Seguem direitinhos àquelas coisas, solicitados naturalmente e honestamente por elas. E' o seu grande elemento. Pois bem. Mal o menino arrisca os passos alegres em direcção às coisas, aí vão as creadas e depois a mãe e logo atrás o pai: *Pràqui. Pràqui!* E a pretexto de que suja as mãos, e suja o fato, e pode-se aleijar, o menino não pode sair de ao pé dos seus parentes! A uma nova investida das creanças, responde nova investida dos pais e assim, aquela tarde na aldeia, em vez de tempo agradável, é um mutuo tormento. Nem sol, nem jogos, nem passarinhos, nem nada. A santa e amorosa tirania dos parentes! De onde se conclui que uma vez aqui assim, em casa há de ser na mesma. Antes não fôsse.

Não é deixar que o menino faça aquilo que lhe apetece, e muitas vezes deixam; outro êrro. E' deixá-lo voar. Azas. O menino não se suja. Também não suja o fato. O menino não se aleija. Ele sabe fugir dos perigos. Exemplo: Desde 1932 que nós lidamos com rapazes endiabrados. Milhares d'eles nos têm passado pelas mãos. Temos dois desastres registados. Um rapaz quebrou uma perna e outro quebrou um braço. Ambos baixaram ao hospital, curaram-se e acabou. Ora eis.

Quantos parentes, cuidando que fazem bem, apagam na alma dos seus, as mais generosas e humanas e santas aspirações, — quantos!? Quantos rapazes e raparigas, hoje na vida, azêdos e amargos e talvez revoltados, só porque os seus pais levaram à sua frente, a meninice d'eles: *Pràqui! Pràqui já!* Torcêr não. Puxar, não. Não há pior fome nem pior sêde do que a de justiça: Cautela, parentes. Cautela mundo. Não deem à creança esta fome e esta sêde!

Visado pela Comissão
de Censura

AQUI, LISBOA

Uma arma!

Não é de guerra, nem explosiva, embora automática.

E' evangélica simplesmente, e por isso, infalível. E' vida; não mata nem morre! Chama-se *caridade*.

Já tinha ouvido dizer que o Patriarcado era um cemitério de almas. Aqui, pelo menos, verifico que é uma triste realidade.

O Estado e a Igreja estão constantemente a promulgar leis para os vivos cumprirem, e para os mortos, também se fazem leis.

Gosto de ser cidadão submisso, mas por vezes não sei que voltas hei-de dar para não desobedecer ao poder que vem do alto.

Um exemplo:

Chamaram-me a levar auxílio a uma paróquia cujo pastor reside a 10 quilómetros. Tem 82 anos, está paralítico e tem mais seis fréguesias. A igreja está fechada há 50 anos e o povo adora os cães e as cebolas.

Não vai à igreja, mas junta-se para os funerais. Aproveito a ocasião para prêgar, nessa altura, o Evangelho. Pouco vale.

A ignorância é geral. Uma senhora, allás bem intencionada, vem perguntar-me em que loja de Lisboa é que se vendia o SS. Sacramento. Um outro Senhor mais esclarecido oferece os seus serviços para fundar uma Confraria. Mas com quem? Não seria preferível uma conferência de S. Vicente de Paulo? Concordou.

Não sei que magia se encerra nesta palavra. Dez homens apareceram logo a interessar-se pelos pobres da terra. Não sabem o P. N. mas falam com mais carinho dos seus irmãos doentes, do que os mais zelosos confrades. E' no tugúrio que eles hão-de encontrar o Deus que possuem sem O conhecer, e não no vazio do templo. A caridade vence tudo. Começaram por um pobre tuberculoso que está à morte. Logo lhe compraram os remédios mais caros e raros. Lá estão à cabeceira da cama uns poucos de frascos.

Também descobriram que êle não estava casado e que a mulher não era baptizada. Que fazer? Chamaram por mim. Habitado a lidar só com gaiatos, já não atino com os artigos do Código nem com os dos decretos. Não havia estola, nem ritual, nem água benta. O doente não sabe a A. M. mas quer morrer em paz. E morreu.

Que faria Francisco Xavier, se encontrasse a barreira de tantos artigos? Nunca a Índia nem a China chamariam por ele.

Limitei-me a pegar num copo de água, e a fazer um sinal da cruz sobre as mãos unidas. Por felicidade ainda me lembram as fórmulas.

Quem quizer e souber mais e melhor que venha, para cá. Não terá mãos a medir.

O moribundo chora de alegria e eu só chorei se a justiça me chamar a contas. Nessa altura terei de apelar para o Sr. Ministro em nome da *caridade!*

Um Jeep

Dizem que muitos leitores vêm direitinhos a esta coluna para saberem se já chegou o jeep. Esperem! Não têm mais pressa que nós.

E' certo que ouvi uma voz muito sumida a dizer que ele já andava a navegar no Tejo. Outra voz, mais confusa ainda, veio dizer que ele já estava na Avenida da Liberdade...

Que estranho bicho que atravessa oceanos, nada nos rios, caminha pelas ruas e se deixa prender numa avenida tão larga. A prisão na liberdade! Não está nada certo.



Morreu o Padre Flannagan

Na capela das nossas aldeias do Tojal, de Miranda e de Paço de Sousa, foram celebradas missas por alma d'aquêlê sacerdote, com a assistência dos rapazes, devidamente preparados para o acto. Peço já que todos façam o mesmo, quando souberem da minha hora.

Eu já gostava muito do nome do carro mesmo antes de vê-lo pelas ruas, mas quando me disseram que ele serve para transporte de carga e passageiros, que galga montes e muros, que tira água dos poços e debulha trigo e também é capaz de lavar pelos campos fora — ainda mais o cobicei. Que venha ele!

Mais armas secretas

São todas aquelas que continuam a chegar para matar a fome. Não se sabe quem dá; daí o segredo.

Foram 50 litros de azeite de Formozelha; piões e amendoas com o rotulo de *fruta seca*. Mais azeite de Lisboa em segunda remessa esperando que não seja a última. Uma caixa de coelhos de Vendas Novas; t baco para os presos! Até à data não tem ficado sem resposta nenhum dos nossos apêlos. Aquele senhor do Jeep, também nos não deixará em terra.

No Montepio continuam a chegar coisas: flanela e oleados para os *molhados*; pano para lençóis e chitas; dúzias de escovas de dentes, pastas e assinaturas.

Veio também triciclo que faz do *príncipe*, o príncipe mais feliz do mundo.

Dos visitantes só temos bem a dizer. Um grupo de Senhoras americanas deixou 1.000\$. Bastou vir uma. Gostou. Passou recado e logo vieram mais. Quem dera que a América estivesse mais perto de Lisboa.

Tem vindo também algumas famílias completas. São os pais que querem dar lições de altruísmo aos pequeninos. Neste domingo os filhinhos duma numerosa família deixaram um a um nas minhas mãos o óbulo de 50\$ cada. Outro pequenito da Lapa enviou pelo correio um embrulho das suas roupias e calçado com uma linda dedicatória em que dizia «sou eu que ofereço». No Patriarcado também encontramos toa-lhas, lençóis de linho, guardanapos etc.

Doutras procedências recebemos uma cama, e roupa para ela e 100\$ duma rifa etc. etc.

Com tais fundamentos podemos esperar que a casa do Gaiato de Lisboa resistirá ao desgaste e aos vendavais dos séculos sem fim.

P.º ADRIANO



Do que nós necessitamos

Mais sêlos usados da Itália. Por onde os nossos pedidos andam! Mais ditos de Malveira. Mais roupas de Tomar, — e que roupas! Mais de uma alentejana queijos e farinheiras e ceroulas e cadernos de papel e lápis de lousa, — tudo no mesmo pacote! Se também fôsse azeite e vinagre era salada.

Pneus. Pneus que visitantes nos deixam. Pneus por tarifa da C. P. Todos são benvindos e muitos apreciados. Mais no *Depósito* envelopes muito quentinhos... Mais 100\$ no dia 13. Mais um pneu da terra do *Sapo* e 50\$ para êle tirar o retrato para mandar à sua mãe. Sim senhor. Ele irá a Penafiel qualquer dia, com a roupa melhor. Mais de Monte Redondo, roupas e medicamentos.

Nós temos precisão de uma remessa de escovas de dentes. De uma vez, chegou-nos uma de algures com tantas unidades, que até hoje temos tido fornecimento, mas agora estão no fio e os rapazes pedem escovas. Nós gostamos que eles peçam e usem escovas de dentes. Que se lavem com sabão. Que vistam roupa lavada. Que tenham um cantinho ao sol e sintam que são almas de Deus. Como quizera eu que todos os homens fôssem por este caminho — todos!

Ainda há dias é que eu vim a saber que os funcionários do Estado juram um compromisso. Foi o Elvas que mo disse; êle serve um organismo do Estado. Decorou as palavras e veio-me perguntar o que significava aquilo. Tem-me fritado. Eu disse-lhe que fôsse o dicionário. Trata-se de juramento anti-comunista. Ora nós somos um juramento. A nossa obra, é aquêlê juramento em sangue. Não escrevemos. Não dizemos. *Fazemos.*

Neste simples pedir escovas de dentes, para que o rebotalho lave os dentes, vai um mundo de verdade. E' doutrina sã e certa. Mais do que os tratados. Mais do que os empréstimos. Mais do que os planos. Mais do que tudo isto vale o homem, — porque homem. Queremos escovas de dentes. E' mui frequente a exclamação dos visitantes, quando passam nos lavatórios das casas e veem cada uma dentro de seu copo: *olha escovas!*

Isto é a Casa do Gaiato

CHEGOU o Gregório. O Gregório do Fundão. Da primeira vez que fugiu, não foi muito além do Porto. Da segunda, sim. Foi até à sua terra natal. Atravessou montes e serras e, quis regressar. Veio pelo seu pé. Veio com os trajes e andrajos da sua condição. Não houve inquéritos nem azedumes nem nada. Silêncio. O silêncio e o tempo são os grandes remédios dos nossos grandes males. Gregório era da turma dos da erva e retomou o seu posto. Porém,—a ausência de muitos mezes e o seu tédio pelo trabalho, fizeram com que de novo se fôssem embora. Ninguém tenha a pretensão de salvar quem se não quer salvar!

O Bernardino, também regressou e está a trabalhar. Gosto de dizer aqui que o seu padrinho, de Coimbra, nada teve com a fuga do rapaz e que muito fez para que ele regressasse.

ONTEM, domingo, a nossa aldeia foi inundada de almas. Seis Camionetes. Carros. Comboios. Um mundo a ver um mundo. Uma senhora estrangeira, disse-nos, espantada, que naquela manhã, oferecera bolos a um pequenino vendedor do jornal, e ele não aceitou. Instado, continua a recusar. Perguntado, declara que fulano (eu) não quer. Deixou ficar os bolos nas mãos da senhora e no seu espírito, a inquietação. Tanta e tal, que veio por aí abaixo ver e falar. Eis um caso. Este outro, não lhe fica a dever nada. São os cicerones. A fidelidade dos cicerones. Dos improvisados, porquanto os encartados não chegam. Pois todos entregam o dinheiro. É uma bicha deles com notas, com prata, com tostões: — *Foi uns senhores.* Ele é certo que lá aparece às vezes um Bucha a guardar cinco coroas pra figos, como aqui se disse no derradeiro jornal. Aparece, sim. Mas as excepções não destroem; confirmam a regra.

Ora eu, naquele domingo e depois de escutar o relato da senhora estrangeira, fui ao Lar do Porto fazer um tribunal. Foi imediatamente a seguir às orações da noite. Não perguntei. Não quis saber quem tinha sido. Estavam ali todos. Muitos teem praticado a mesma acção. Cada um que guarde o seu tesouro.

Exaltei. Obedecer a distância. Resistir a um bôlo feito de açúcar. E isto tudo feito por quem nunca teve hábitos de obedecer e tinha-os de furtar! Eu acredito nas potências da alma. Do lar do Porto, regresssei a Paço de Sousa, aonde fiz novo tribunal. Não declarei nomes. A nossa obra é de anónimos. Não disse. Cada um que guarde o seu tesouro. Tornei a exaltar. A fidelidade nascida da devoção. Entregar o que recebem. Não aceitarem nada para si, e declarar solenemente que o não podem fazer. E tudo isto, obra de tranviados e difíceis e perigosos e o mais que d'eles se cuida. Oh tribunais deliciosos! Como é doce levantar as almas! Eu cá sou optimista. Vejo os males, em mim e nos outros. Estou alerta, por mim e por eles. Mas acredito no Bem. Acredito na existência e na presença do Deus Vivo dos vivos. No Pai Celeste! Eu acredito sobretudo no Amor. A quem temem estas creanças? E que poderiam elas fazer, se temessem?! Oh tribunais deliciosos e desejados, aonde a gente tem que louvar, em vez de repreender! Sou optimista. Menos força dominante e mais fortaleza construtiva. Sou por esta contra aquela.

O Pilulas foi novamente ós moletes das senhoras! Assim correu voz na aldeia, e é verdade porquanto o Pilulas, apenas ouviu as acusações que lhe faziam, desata a chorar e a dizer que não. Sinal de que foi êle. E' herdeiro e vezeiro. Tem sido o rei dos lambareiros, mas no próximo tribunal, vem a pagá-las todas.

CHEGOU de algures um dos nossos, que fôra receber certa quantia a uma Repartição do Estado. Como tivesse demorado, eu quis naturalmente saber e êle informa. *São os senhores. Os senhores que estão a escrever nos livros e não fazem caso da gente.* — Mas tu bates. Bates no balcão, eles levantam os olhos e tu dizes que tens pressa. — Não que eles roncam.

—E tu roncas também.

Roncar não. O rapaz diz bem, quando me disse ter medo de roncar.

Mas encher-se a gente de razão e ao depois falar baixinho, isso sim. E' bem que os senhores estejam a escrever nos livros, sim. Muito bem. E' preciso. Mas que haja um a atender. Atender quem chega e logo que chegue. Despachar. Respeitar o tempo e os calos de quem trabalha.

NO dia seguinte à comunicação do nosso aviário, na qual se pediam passarinhos, o Ernesto andava munido da chave do dito, e ia direitinho aos carros dos visitantes, mal eles punham os pés na aldeia. Era domingo, dia deles. Agora é, dizia êle. Abeirava-se, olhava em redor, — nada. Ninguém trouxe passarinhos.

UMA NOTÍCIA

O organizador italiano
duma Aldeia de Rapazes

recebeu um inesperado subsidio...

ROMA, 9—Bandidos armados com metralhadoras detiveram um carro na garganta de Gracco, entre Génova e Spezia. Mas o motorista era, nada mais nada menos, que o rev. Visendaz, organizador da «Aldeia dos Rapazes», criada em Lenciano para os órfãos de guerra.

Os bandidos, impressionados com as palavras que o sacerdote lhes dirigiu, cotizaram-se e ofereceram uma quantia importante ao rev. Visendaz para a sua «Aldeia de Rapazes». —(F. P.).

Vinha nos jornais do dia. Em todos os jornais d'aquelle dia. Muito deve ter impressionado na origem, um acontecimento que assim corre mundo! O famoso vai-lhe também dedicar duas palavras em três pontos, a saber: A força da creança. O coração do homem. As asas da Providência.

Primeiro, a força da creança. Não foram de maneira nenhuma as palavras do sacerdote que o livraram da morte. Foi a creança. Não tivesse êle atrás de si as aldeias dos rapazes, que nada lhe valeria a sua eloquência, — nada! A creança é que deteve as balas. O rapaz órfão. Órfão da guerra. O valor da creança foi sempre grande, sim, mas hoje é muito maior justamente por causa das guerras. Da primeira,—a grande. Da segunda, que a fez pequena. E as que amamentam, estão com medo da terceira,—a maior de todas! Uma pegadas nas outras e a creança no meio! Tudo olha hoje para as creanças como fiadoras da humanidade. O mundo tem medo de acabar por falta de descendência. As guerras matam-nas. Assim como elas, também as mãos que as defendem, têm hoje outro valor. Esta verdade é tão alta, que os próprios bandidos a veem. Por isso, não fizeram fôgo. Mais. *Cotizaram-se e deram uma soma importante.*

Eis o coração do homem; o segundo ponto da nossa conversa. Cuidavam os bandidos que traziam a força das armas e toparam outra mais forte dentro de si mesmo! *Deram uma soma importante!*

O terceiro ponto da notícia, está no auxílio infalível e constante da Providência. Deus a velar por quem se devota aos que são d'Ele. Esta verdade lê-se no acontecimento que os jornais de Roma deram à luz. Mesmo que haja quem assim não leia, que importa? E' mais um que não sabe lêr e acabou. E' mais um e eles são tantos! O mundo ateima em explicar e explicar-se pelas aparências. Cuida-se que é o mundo que governa o mundo, mas não. O homem põe e Deus dispõe. Por detraz da aparência, está a realidade. A luz do homem é feita de trevas se lhe faltar aquela Luz.

=====

Lêde e propagai
"O GAIATO"

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

1 Até que enfim que chegou a água nova. Há duzentos anos que vinha pelo ar. O senhor Cardial que mandou fazer o aqueduto disse que lhe tinha custado um milhão. Esta que vem agora por baixo do chão em canos de lusalite custou pouco menos. No dia quinze de Março começaram vinte presos e abrir as valas, mais tarde eram vinte e nove. Nós estamos mortos para que a água viesse porque o aqueduto estava cheio de lixo. E por estar sujo já andava pelo lugar a febre tifoide. No dia 30 de Abril estavam os canos postos. São dois quilómetros e meio de canos. A um de Maio estava a água ligada só para casa. Só no dia três se ligou para o chafariz. O senhor Padre Adriano não queria ligar sem que o lavassem primeiro. Foi por volta das sete e meia que o anjinho apertou a torneira. Eram os sinos a tocar, eram foguetes a estalar e era também o rádio a relatar a pobre dertota do Benfica. O Constantino é que deitou os foguetes e por isso esqueceu-se do arroz. O povo da terra veio cá todo agradecer muito contente.

2 Nesse dia esteve cá o grande artista de cinema, o senhor Oscar de Lemos. O Carlota que veio de Coruche chegou-se ao pé dele e disse-lhe: Olhe lá, o senhor não é o que fez a «Noiva

do Brasil» e o «E' perigoso debruçar-se». Então o senhor Oscar de Lemos perguntou-lhe: como é que me conheces? E ele respondeu porque o senhor é como aquele que representa nos filmes. Este rapaz o Carlota quis vir para cá para aprender a lêr, para compreender as legendas dos filmes.

3 O Manteigas tem um retrato na cabeceira da cama, é o do Contreiras, o guarda-redes do seu clube. Sempre que se vai para deitar olha para o foto e diz: —à grande Contreiras és o melhor do mundo! Mas no dia três de Maio o Manteigas olhou para o foto, mas largando-se a dizer: ó Contreiras tu hoje deixaste entrar quatro bolas e por isso não és digno de eu dizer que és o melhor do mundo.

4 Aqui há dias um dos visitantes perguntou a um dos mais pequenos o que queria ser. Ele disse que queria cachetão (sacristão) depois *parde* e depois doutor, e sempre *Alvaro!* A este mesmo pequeno chamam-lhe o caixote e a um ainda mais pequeno chamam-lhe o anjinho. Um dia destes estavam a discutir um com o outro a respeito dos apelidos. Dizia o caixote: deixa-me! dizia o anjinho tu és o caixote e não abres-te!